

## PROJETO SALA DE LEITURA ITINERANTE: A LEITURA LITERÁRIA E O SEU PAPEL TRANSFORMADOR

### *PROJECT ITINERANT READING ROOM: LITERARY READING AND ITS TRANSFORMING ROLE*

Lana Jakobson Lavezzo<sup>1</sup>, Endiara Rodrigues<sup>2</sup>, Carlos Arcângelo Schlickmann<sup>3</sup>, Cibele Beirith F. Freitas<sup>4</sup>, Daniela Arns Silveira<sup>5</sup>, Richarles Souza de Carvalho<sup>6</sup>

#### RESUMO

Este artigo pretende apresentar e compartilhar as experiências do projeto de extensão Sala de Leitura Itinerante, realizado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, por meio de pesquisa bibliográfica e de relatos que registraram a prática da leitura literária nas escolas. Fundamentamo-nos a partir de bases teóricas, que contribuem para a reflexão acerca das temáticas apresentadas. Alguns dos autores, cujos trabalhos são pertinentes para o desenvolvimento deste artigo: Antonio Candido (1972 – 2017), Jacques Rancière (2002 – 2005), Leyla Perrone-Moisés (2016) e Regina Zilberman (1999). A partir dessas leituras, traçamos relações pertinentes entre as temáticas abordadas e a proposta do projeto. Discorremos sobre o que o projeto propõe, a importância da leitura literária, a formação de leitores literários emancipados e o relato de experiência. É possível afirmar que ainda há desafios a serem superados na prática de leitura literária em sala de aula, contudo, podemos afirmar que a experiência com textos literários promove a formação de alunos transformadores de sua própria realidade.

**Palavras-chave:** Literatura. Leitura literária. Formação de leitores.

---

#### ABSTRACT

This paper aims at presenting and sharing experiences from the extension project Itinerant Reading Room, by Universidade do Extremo Sul Catarinense (University from the Extreme Southern of Santa Catarina), through bibliographic research and reports which have recorded the practice of literary reading at schools. We have studied theoretical points that contribute to reflect those presented issues. Some authors, whose works are relevant to develop this paper: Antonio Candido (1972 – 2017), Jacques Rancière (2002 – 2005), Leyla Perrone-Moisés (2016) and Regina Zilberman (1999). From those readings, we trace pertinent relations between the themes addressed and the proposed project. We talk about the project itself, the importance of literary reading, emancipated readers formation and the experience report. It is possible to say that there are still challenges to overcome on the practice of literary reading in classroom, however, we are able to affirm that the experience with literary texts promotes the formation of students who can transform their own realities.

**Keywords:** Literature. Literary reading. Readers formation.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense, Santa Catarina, Brasil. E-mail: [lanalavezzo@gmail.com](mailto:lanalavezzo@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

<sup>3</sup> Mestre em Educação. Docente no curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

<sup>4</sup> Doutora em Letras. Docente no curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

<sup>5</sup> Mestra em Ciências da Linguagem. Docente no curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

<sup>6</sup> Doutor em Ciências da Linguagem. Docente no curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

## 1. INTRODUÇÃO

A leitura literária é parte da formação de todo o indivíduo. Por meio dela, o projeto *Sala de Leitura Itinerante* ganha vida. É com a leitura literária que chegamos às escolas e realizamos as atividades, buscando a autoria do aluno como foco principal. Este artigo busca enfatizar a leitura literária em sala de aula, bem como relatar as experiências com o projeto. Desse modo, partindo do princípio de que há desafios que permeiam as práticas de leitura literária, o projeto surge como exemplo de prática que considera o aluno protagonista de seus feitos e o professor é quem o instiga, por meio da prática de leitura, a ir atrás de respostas.

As seções compõem a base teórica utilizada para o desenvolvimento das questões relacionadas ao projeto *Sala de Leitura Itinerante*. A primeira diz respeito ao projeto em si, ou seja, o que ele é e como ele funciona. Na segunda, reforçamos a importância da leitura literária para a formação do indivíduo. Seguindo nessa linha, de modo mais aprofundado, a formação do indivíduo emancipado e transformador de sua realidade. Logo após há a apresentação de relatos de experiência, com as percepções dos participantes. Por fim, encerraremos com as considerações finais acerca do todo discutido.

## 2. A PRÁTICA DO PROJETO DE EXTENSÃO SALA DE LEITURA ITINERANTE

O ensino da leitura no Brasil está longe de corresponder significativamente a uma perspectiva emancipadora e autoral. Um evidente fracasso apontado por alguns indicadores expõe a necessidade de se trabalhar com mais ênfase a leitura na escola e em outros ambientes. O papel da escola está para além de formar leitores numa perspectiva instrumental, que visualiza a relação com a escrita de um modo autônomo, descomprometido com as relações sociais das quais ela faz parte. O letramento literário tem um papel fundamental no processo de apreensão e de uso esclarecido da escrita nas práticas sociais pelo seu caráter interdisciplinar. O discurso literário dialoga com todas as esferas discursivas da atividade humana. Buscamos, então, por meio do projeto, experiências com a leitura literária, a contação e a criação de histórias e outros textos, refletindo e ressignificando o lugar da linguagem literária na escola, destacando o seu papel na questão da autoria, na produção e na reelaboração do conhecimento, bem como na sua relação com as artes e a história, posto que uma não está dissociada da outra, mostrando que a literatura pode fazer com que conheçamos a nossa identidade, cultura:

## PROJETO SALA DE LEITURA ITINERANTE: A LEITURA LITERÁRIA E O SEU PAPEL TRANSFORMADOR

[...] a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais. Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade e o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto se forma a partir do contexto [...] (CANDIDO, 1972, p.82)

O objetivo do projeto *Sala de Leitura Itinerante*, portanto, é o de promover a leitura, com vistas a diferentes contextos, a partir de diversos gêneros, focando na formação do leitor-autor transformador e emancipado, por meio da seguinte ação: realizar experiências de leitura literária com alunos e professores da Educação Básica. Os encontros e oficinas de leitura literária são realizados em escolas das Redes Municipal e/ou Estadual de Criciúma e região uma vez ao mês, em escolas distintas.

Antes de começarmos os encontros presenciais com os alunos e professores das escolas, estudamos muito sobre o assunto e quais os nossos objetivos. Os bolsistas e orientadores, que foram fundamentais em todo o projeto, juntavam as ideias para usar da melhor forma, para que fosse algo que contribuísse no conhecimento de todos os envolvidos. Já com os objetivos traçados e tudo estudado, chegou a hora de ir até as escolas levar um pouco do nosso conhecimento sobre o assunto.

Nosso foco era trabalhar a literatura brasileira nas escolas, a fim de tentar mostrar aos alunos o quão rica e importante ela é e que, a partir dela, eles serão capazes de analisar e de interpretar diversos textos e poderão compreender o contexto histórico e sociológico do nosso país, percebendo diferentes situações sociais que nos rodeiam e promovendo a criticidade. A literatura tem o poder de humanizar, ela tem como apresentar ao homem a sua essência, fazendo-o consciente do seu papel social enquanto sujeito moral e ético. Segundo Candido,

a literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1972, p. 805).

Durante os encontros, foi visto que algumas coisas teriam que mudar algumas e outras manter, o que fez com que as bolsistas envolvidas já tivessem uma noção do que encontrariam depois de formadas, fazendo com que já tivessem esse primeiro contato com a sala de aula e já pensando na docência. Conforme fomos passando pelas escolas e tendo mais contato com os alunos, fomos percebendo que a continuação do projeto é importante, sendo que apenas um encontro não daria conta de tudo que a literatura tem para oferecer. Com isso,

pensamos em algo que daria continuidade a esse processo, surgindo, assim, nossa árvore literária, que carregamos conosco e deixamos uma em cada lugar que passamos. Nela os alunos depositam as suas leituras realizadas e que contribuíram para a sua aprendizagem.

Desse modo, plantamos uma semente e esperamos que ela cresça e dê bons frutos. Os professores fazem toda a diferença nesse processo, pois também devem instigar os alunos à leitura e a dar continuidade a esse projeto que ampliará o conhecimento do discente, contribuindo para que ele seja um cidadão emancipado, com conhecimento e discernimento para fazer boas escolhas. Portanto, o que almejamos é fazer com que a criança e o adolescente construam o hábito da leitura e sintam prazer nessa prática.

É o leitor quem cria, constrói o sentido a partir de seus conhecimentos, em sua expectativa e em sua intenção de leitura. No caso do aluno, porém, a intensão é do professor. Quem deseja que a leitura seja feita porque é importante, necessária para a explicitação de um assunto, para a ampliação de um conhecimento, ou por qualquer outro motivo, é o professor. Só ele pode transformar o que precisa ser lido em algo significativo e prazeroso. (BRAGA; SILVESTRE, 2009, p. 22).

Com isso, vemos que o projeto é importante, tanto ao aluno quanto ao professor. Precisamos instigar mais os alunos a prática da leitura literária que, às vezes, precisa de um incentivo a mais, tentando sempre fazer com que o aluno consiga ter uma nova experiência com o texto, de um modo mais eficaz, buscando sempre meios de instigá-los a encontrarem na literatura um espaço lúdico e de construção de sentidos.

### **3. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA LITERÁRIA**

Para discorrer sobre a importância da leitura literária, antes, é oportuno conhecer um pouco mais sobre o seu processo. Conforme Rildo Cosson (2018), a leitura pode ser compreendida por meio de três modos que são pensados em um processo linear. O autor, assim, apresenta três etapas: a antecipação, a decifração e a interpretação. A primeira delas diz respeito as várias operações que o leitor realiza antes de entrar em contato com o texto propriamente dito. Em seguida, a segunda etapa refere-se ao conhecimento que se tem das letras e das palavras, sendo este conhecimento indispensável para relacionar-se com o texto de maneira hábil e eficaz. Por fim, a interpretação é o meio pelo qual o leitor negocia o sentido do texto. Isso ocorre, segundo Cosson, porque a interpretação “[...] depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade” (COSSON, 2018, p. 41). Com isso, no processo de interpretação de

um texto, o contexto é, ao mesmo tempo, aquilo que está no texto e aquilo que a comunidade leitora considera e julga como próprio da leitura.

Ainda discutindo o processo de leitura, Guiomar de Grammont aponta, ironicamente, a leitura como algo que deveria ser proibido. Segundo Grammont (1999), a leitura é um poder que liberta o homem excessivamente e que sem ler, o homem jamais saberia a extensão do prazer e da imaginação. Além disso, notamos o caráter humanizador da leitura literária, pois ela proporciona ao ser humano algo indispensável:

[...] a leitura promove a comunicação de dores, alegrias, tantos outros sentimentos. A leitura é obscena. Expõe o íntimo, torna coletivo o individual e público, o secreto, o próprio. A leitura ameaça os indivíduos, porque os faz identificar sua história a outras histórias. Torna-os capazes de compreender e aceitar o mundo do Outro. Sim, a leitura devia ser proibida. Ler pode tornar o homem perigosamente humano. (GRAMMONT, 1999, p. 73)

A partir disso, relacionamos a leitura literária como importante agente no processo de formação humana dos indivíduos. Antonio Candido, em seu ensaio *O direito à literatura*, ressalta a relevância da literatura enquanto direito humano essencial. Para Candido, a literatura é imprescindível, pois “[...] confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 2017, p. 175). Desse modo, a literatura é vista por Candido como um “sonho acordado” que é capaz de equilibrar a sociedade, assim como o sonho possibilita o equilíbrio psíquico. Nas sociedades, a literatura contribui para que se viva dialeticamente os problemas e também para que se tome posição frente a questões sociais. Assim, percebemos uma literatura que é social.

Para compreender ainda mais a fundo o caráter humanizador da literatura, chegamos às características particulares de um texto literário. Candido aponta para três faces da literatura: “(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.” (CANDIDO, 2017, p. 176). No entanto, Candido dá ênfase a primeira face apresentada, pois, para o teórico, a maneira pela qual a mensagem é construída irá decidir se a comunicação é ou não literária. Destarte, há um tipo de ordem, ou mais precisamente um modelo de superação do caos. Dessa maneira, a produção literária “[...] tira as palavras do nada e as dispõe como um todo articulado” (CANDIDO, 2017, p. 77), sendo este o primeiro nível humanizador. A partir dessa estrutura literária, que possui um tipo de organização, pode-se pensar que o conteúdo atua por existir uma forma. A escolha de uma forma, portanto, é

capaz de superar o caos. Conforme Candido, “[...] o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido.” (CANDIDO, 2017, p. 178).

Ao considerar a importância da leitura literária e as características do texto literário, pensamos na formação do professor leitor e o seu papel no incentivo à leitura. Para ser um bom professor é necessário que este seja um leitor ativo. Conforme Burlamaque (2006), o professor leitor deve seguir na formação continuada, munindo-se de textos de qualidade estética que irão contribuir para a sua emancipação enquanto leitor e, conseqüentemente, propor práticas pedagógicas emancipadoras aos seus alunos. Com isso, afirmamos a importância do projeto de extensão *Sala de Leitura Itinerante* na formação docente dos acadêmicos participantes do projeto, bem como na formação de leitores literários emancipados. Além disso, o *Sala de Leitura Itinerante* se compromete com a boa escolha de textos literários que serão apresentados ao público atendido. Com a extensão, observamos a parceria significativa entre universidade e escola.

Relacionando a figura do professor à escola, notamos que “[...] a experiência leitora do professor é um dos componentes imprescindíveis no trabalho que ele desenvolverá em sala de aula com o objetivo de formar novos leitores literários” (BURLAMAQUE, 2006, p. 83). Uma relação significativa com o texto, por parte do professor, faz com que ele atinja o aluno de maneira eficaz por meio da mediação. Caso contrário, a experiência dos alunos com a leitura acaba perdendo um pouco o sentido. O professor deve deixar de lado o controle total sobre o texto, abrindo espaço para que o aluno participe efetiva e autonomamente da ação leitora. Nas palavras de Burlamaque: “A modalidade de leitura empregada na escola, muitas vezes, é fruto de uma ação pedagógica que tenciona legitimar a leitura escolar. Assim, a leitura se concretiza sob o controle do professor, negando ao aluno uma participação efetiva no processo” (BURLAMAQUE, 2006, p. 84).

O caráter apenas pedagógico, e não literário, do ensino de leitura na escola, ensina virtudes de uma literatura edificante e modeladora, seguindo critérios somente escolares e gerando uma leitura passiva. Isso pode ser melhor compreendido segundo o que coloca Regina Zilberman:

As atividades pedagógicas provocam tédio, quando não são vivenciadas como aprisionamento, controle ou obrigação. A leitura parece ficar do lado de fora, porque os professores não a incorporam ao universo do ensino. Quem lê, contudo, quer o lado de fora, para onde se desloca, comandado pela imaginação. Por isso, talvez seja

o caso de se pensar em transformar o “de dentro” da sala de aula em “de fora” da leitura. (ZILBERMAN, 1999, p.151)

Para Zilberman, a leitura deve partir do contexto de sala de aula e se desdobrar ao mundo da leitura, que também está vinculado ao mundo real em que se vive. Assim, o professor deve provocar a fome de leitura em seus alunos. Rubem Alves, em *A arte de produzir fome*, explica melhor essa questão. O escritor aponta que a fome é a causadora do ato de pensar. Todavia, realizar o desejo, antes de questionar, pode fazer com que o pensamento seja abortado. Para produzir fome, o material de leitura precisa estar presente na vida dos indivíduos. Dessa maneira, isso depende da democratização da literatura e de políticas competentes de incentivo à leitura. Além da escola, a sociedade também deve estar preocupada com essa democratização.

Ao retomar as ideias de Candido (2017), percebemos que a democratização da literatura está ligada aos direitos humanos, visto que tais direitos são um bem comum a todos. Para Candido, assim deve ser a literatura. Um direito humano essencial que não deve ser tratado como artigo de luxo, visto que ainda se nota certo pensamento elitista de que apenas uma classe privilegiada pode consumir a “alta” literatura. Por meio disso, apresentamos o pensamento de Jacques Rancière sobre a partilha do sensível. Destarte, Rancière entende que “[a] partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÈRE, 2005, p. 16), considerando uma dimensão política que relaciona arte e sociedade. Por meio da arte é possível a redistribuição dos papéis sociais e a significação do fazer social. Tal fato inclui os excluídos na sociedade e declara a emancipação plena de todos os indivíduos numa afirmação da democracia por meio da arte e, assim, também da literatura.

#### **4. A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO EMANCIPADO**

A formação do leitor literário, além do que já foi exposto na seção acima em relação a formação do professor e a postura da escola diante da leitura literária, só fará sentido se ele for leitor emancipado. O projeto *Sala de Leitura Itinerante* busca promover essa formação emancipada do aluno leitor. Para tanto, apoiamo-nos no que Jacques Rancière entende por emancipação. A princípio, consideramos o que o autor de *O mestre ignorante* coloca a respeito da relação entre mestre e aprendiz. Conforme Rancière (2002), a igualdade das inteligências é algo que deve estar em concordância entre professor e aluno. Todavia, o que se

observa no ensino é uma separação hierárquica entre essas duas figuras. A emancipação, para Rancière, é a superação dessa separação.

Não há dois tipos de espíritos. Há desigualdade nas *manifestações* da inteligência, segundo a energia mais ou menos grande que a vontade comunica à inteligência para descobrir e combinar relações novas, mas não há hierarquia de *capacidade intelectual*. É a tomada de consciência dessa igualdade de *natureza* que se chama emancipação, e que abre o caminho para toda aventura no país do saber. (RANCIÈRE, 2002, p. 38)

Além da consciência da igualdade das inteligências, tanto aluno quanto professor devem estar atentos a uma atividade: a pesquisa. *A arte de produzir fome*, de Rubem Alves, como já citado neste artigo, deve ser provocada no aluno. Contudo, não apenas o aluno deve estar buscando e conhecendo coisas novas e, assim, emancipando-se. O mestre também deve permanecer nessa busca contínua. Nas palavras de Rancière,

Quem busca, sempre encontra. Não encontra necessariamente aquilo que buscava, menos ainda aquilo que *é preciso encontrar*. Mas encontra alguma coisa nova, a relacionar à coisa que já conhece. O essencial é essa contínua vigilância, essa atenção que jamais se relaxa sem que venha a se instalar a desrazão [*sic*] - em que excelem tanto aquele que sabe quanto o ignorante. O mestre é aquele que mantém o que busca em seu caminho onde está sozinho a procurar e o faz incessantemente. (RANCIÈRE, 2002, p. 44).

O mestre, dessa maneira, deve ser emancipado. Ser emancipado e não deixar que a sua “superioridade” se instale na relação entre ele e seu aprendiz, ou entre ele e qualquer outro indivíduo. As noções de superioridade e inferioridade para Rancière não se aplicam como características da inteligência, pois “[p]ara emancipar a outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais” (RANCIÈRE, 2002, p. 44-45).

Devemos considerar que o aluno já sabe muitas coisas e que poderá saber mais ainda. É um erro julgar que o estudante não seja capaz de realizar determinada atividade ou compreender determinado livro. Para isso, o educador deve garantir que seus alunos reflitam sobre seus conhecimentos de mundo e que consigam relacioná-los ao que leram. Assim, devemos recordar o aluno de que:

Ele conhece sua língua. Ele sabe, igualmente, usá-la para protestar contra seu estado ou para interrogar os que sabem, ou acreditam saber, mais do que ele. Ele conhece seu ofício, seus instrumentos e uso; ele seria capaz, se necessário, de aperfeiçoá-los.

Ele deve começar a refletir sobre essas capacidades e sobre a maneira como as adquiriu. (RANCIÈRE, 2002, p. 47)

Isso é, portanto, o que o projeto *Sala de Leitura Itinerante* propõe e vem realizando ao longo dos anos levando a leitura literária às instituições. Preocupamo-nos com a formação do leitor literário e o aprimoramento de suas competências leitoras. Desse modo, Rancière traz o conceito de Ensino Universal, que é relevante ao projeto, como “a universal verificação do semelhante de que todos os emancipados são capazes, todos aqueles que decidiram pensar em si como homens semelhantes a qualquer outro” (RANCIÈRE, 2002, p. 52)

Partindo desse princípio emancipador, o projeto *Sala de Leitura Itinerante* visa levar a leitura às escolas pensando no aluno como um transformador da sua realidade, um cidadão livre e autônomo. Por meio da leitura o aluno é capaz de se emancipar. A relação que deve existir entre leitor e livro é a de que “[o] aluno deve ver tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à tríplice questão: o que vê? O que pensas disso? O que fazes com isso? E, assim, até o infinito” (RANCIÈRE, 2002, p. 35). O mestre, portanto, deve garantir a fome literária do aluno e deixar que ele mesmo faça as suas relações e continue buscando e descobrindo novos horizontes a partir da leitura. Outrossim, ensinar, para Leyla Perrone-Moisés, “[...] é elevar progressivamente o nível dos alunos, alargar seus repertórios e aprimorar sua proficiência linguística” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 81).

A emancipação está nitidamente relacionada ao livro, ou seja, “[t]oda a potência da língua está no todo de um livro. Todo o conhecimento de si como inteligência está no domínio de um livro, de um capítulo, de uma frase, de uma palavra” (RANCIÈRE, 2002, p. 37). A leitura proporciona essa compreensão de si como inteligência. O livro é objeto essencial e no folhear de suas páginas se descobre sempre algo novo capaz de abrir um leque de possibilidades.

## **5. A EXPERIÊNCIA COM O PROJETO SALA DE LEITURA ITINERANTE**

O objetivo desta seção é relatar a nossa experiência vivida por meio do projeto *Sala de Leitura Itinerante*, que busca promover o letramento literário de forma a contribuir para a formação de alunos numa perspectiva emancipatória e reflexiva. Durante o projeto, tivemos a oportunidade de estarmos nas escolas Antônio Colonetti, Ignácio Stakowski e Maria José Hülse Peixoto, no ano de 2019, e em cada encontro conseguimos atender entre 30 a 60 alunos. Também estivemos presentes em eventos feitos pelo projeto de extensão *Escola de Migrantes e o PLA (Português como Língua de Acolhimento)* e em alguns bairros da cidade de Criciúma.

O *Sala de leitura itinerante* permitiu mais conhecimento para todos os sujeitos envolvidos, os alunos, os professores, os orientadores, as acadêmicas do curso de Letras da UNESC e aos profissionais da educação das instituições que participaram.

A primeira instituição em que realizamos o projeto foi na Escola de Educação Básica Ignácio Stakowski, localizada na cidade de Içara, onde tivemos nosso primeiro contato com os alunos. Depois de estudarmos e nos planejarmos para a ida, lá desenvolvemos as atividades com os alunos do Ensino Médio. Levamos aos alunos um pouco de literatura brasileira e escolhemos o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector. Para iniciarmos num primeiro momento, como motivação, questionamos o que significava clandestino para os alunos. Depois de toda uma fala para a preparação do texto, realizamos uma leitura coletiva e vimos que por meio da leitura coletiva quase todos os alunos conseguiriam participar e tivemos uma noção de como estava a leitura deles. Percebemos, assim, que muitos ali tinham dificuldades, mesmo o texto tendo uma linguagem simples, mas, mesmo assim eles tentavam ler e se mostravam bem interessados e participativos. Com isso, fizemos a socialização da leitura.

O conto tinha personagens adolescentes, uma em específico queria um livro, então muitos deles se botaram no lugar dos personagens e se abriram conosco sobre o que acharam. Sempre tentávamos instigá-los a fazerem comentários mais críticos, se posicionando em relação à leitura e nos apresentando o que realmente acharam do texto. Percebemos, assim, que a atividade fluiu e eles puderam compreender qual era o propósito da leitura. Como no texto falava de livros, apresentamos a eles alguns que levamos conosco, a maioria de contos, e todos eles brasileiros. Separamos alguns contos, dos livros que havíamos levado, mas retiramos o fim deles. Os alunos teriam que ler junto em grupo, e eles tinham que imaginar o que aconteceu no fim do conto e passar para uma folha, trabalhando também a escrita e a construção de um texto. Deu muito certo, saindo assim fins muito criativos e muito bem pensados. Os professores que estavam acompanhando também participaram.

Também na Escola de Educação Básica Ignácio Stakowski, trabalhamos com os alunos do Ensino Fundamental I, no 5º ano. Lemos a obra “O incrível menino devorador de livros”, de Oliver Jeffers, e, a partir disso, as crianças interagiram conosco, pensando e refletindo a respeito do texto, de uma forma mais dinâmica. Após a leitura, os alunos foram desafiados, em dupla, a lerem um miniconto e, depois, representá-lo o por meio de um desenho. Finalizando a atividade, convidamos eles para socializarem suas obras aos colegas, o que proporcionou ao grupo um momento de descontração e reflexão dos textos lidos.

Já na escola Maria José Hülse Peixoto, optamos em levar o conto “O lixo”, de Luís Fernando Veríssimo, para o Ensino Médio. Mas para cortar o clima do início, levamos a eles um saco de lixo preto com vários objetos pessoais e pedimos para que eles dissessem o que eles jogam no lixo. Assim, já instigando a tentarem imaginar o que havia ali, os alunos se mostraram bem curiosos. Mostramos o que realmente havia dentro, coisas que eram importantes para a gente. Foi um momento de descontração e motivação para, então, iniciarmos a leitura. Por ter um pouco de humor eles gostaram muito e também acharam um pouco estranho, mas percebemos que a leitura lhes chamou atenção. Com isso, entramos na discussão sobre como eles se portariam se ocorresse com eles o que houve no conto. Eles foram bem sinceros e críticos. Foi uma conversa construtiva e muito interessante. Ao encerrar, fomos para a parte das atividades. Separados em grupos, ficaram responsáveis por encenarem um conto e nossa intenção era fazer com que todos participassem. Foi um momento de muita parceria entre os alunos, pois um deles viu que precisava do outro e que se eles conversarem seria a melhor solução, assim como na nossa vida, que nós como cidadãos pensando juntos sairia algo incrível. Para encerrarmos a atividade, eles socializaram suas experiências, num momento em que rimos muito, conversamos e eles deixaram suas opiniões. Também pudemos perceber que eles se interessaram pelas leituras e viram que a literatura também pode ser algo mais leve e engraçado, assim como também pode ser algo sério.

Durante o momento da pandemia, nos adaptamos para realizar uma atividade por meio de ferramentas virtuais, com os alunos do CEDUP Abílio Paulo, de Criciúma. Apresentamos a eles a crônica “A última crônica”, de Fernando Sabino. E os estudantes foram instigados a pensarem sobre o texto lido e relacionar com o momento em que estão passando, bem como sobre o que sentiram e perceberam a respeito da leitura. Foi um momento desafiador, mas também muito importante.

Ao fim das nossas experiências relatadas acima, fazíamos a apresentação da nossa árvore literária, onde os alunos deixavam suas sugestões de leituras. Essa era uma forma de incentivo a continuarem lendo e compartilhando com os colegas. Nesse processo, a participação dos professores é fundamental para manter os alunos em contato constante com textos literários. Portanto, vimos que é importante trabalharmos a leitura literária no espaço escolar e que ela somará na constituição de um indivíduo crítico, reflexivo e também capaz de pensar sobre o que acontece nos espaços do qual ele convive e faz parte, como se posicionar e ter autonomia.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreendermos que a literatura é indispensável para a formação do aluno, vimos que o que se faz com a leitura tem forte influência na formação, ou seja, as práticas no ensino de Literatura precisam garantir a emancipação do estudante. Colocá-lo como protagonista do que faz é o papel que o projeto desempenha ao longo dos seus anos de caminhada. Os profissionais empenhados na prática docente e demais responsáveis pela educação devem garantir a democratização da literatura e o ensino emancipador de qualidade.

Dessa maneira, a partir do que trouxemos e discutimos, conclui-se que o projeto é de considerável importância para a formação dos estudantes, pois valoriza o ensino de Literatura, preocupando-se em levar práticas significativas em relação à leitura. Esperamos continuar com o projeto, que vem transformando a vida de muitos estudantes da educação básica e bolsistas participantes do curso de Letras. Com o projeto, vimos uma oportunidade de melhor qualificar as experiências com a leitura, que se tornam significativas e prazerosas, fazendo viver em cada um uma possibilidade de contato com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A arte de produzir fome**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 out. 2002. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BRAGA, Regina Maria; SILVESTRE, Maria de Fátima. **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para sala de aula**. São Paulo: Global, 2009.

BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. (Orgs.). **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017. p. 169- 191.

\_\_\_\_\_. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura, v.24, n.9, 1972.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.

GRAMMONT, G. Ler devia ser proibido. In: PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. O ensino da literatura. In: \_\_\_\_\_. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução Lilian do Valle – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.; Ed 34, 2005.

ZILBERMAN, R. Regina Zilberman. In: PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor**: pontos de vista. Rio de Janeiro: Argus, 1999.